



ERROS OU LAPSOS? CONSIDERAÇÕES SOBRE OS IMPASSES EMERGIDOS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA

*¿ERRORES O ERRORES? CONSIDERACIONES SOBRE LOS IMPASSES
SURGIDOS EN EL PROCESO DE ADQUISICIÓN DE LA LENGUA*

*ERRORS OR LAPSES? CONSIDERATIONS ABOUT THE IMPASSES
EMERGED IN THE LANGUAGE ACQUISITION PROCESS*

Tatyane Marques Ferreira¹

Maria de Fátima Vilar de Melo²

Resumo:

O presente artigo é fruto de uma pesquisa que visa abordar supostos “erros” em produções textuais de crianças em processo de aquisição da língua escrita como possíveis formações do inconsciente. Assim, estudos realizados na psicanálise, linguística e no campo da aquisição da fala e da escrita nos permitiram tomar como objeto de análise os dados oriundos da dissertação de Soares (2013): cinco produções textuais de crianças com faixa etária de sete a nove anos, estudantes da segunda série do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Recife. Os resultados mostram que os erros podem também ser concebidos não como indicadores de disfunções de um sujeito epistêmico, forjado por uma exterioridade que o modela, mas como inerentes ao funcionamento das leis da língua(gem) que permite o sujeito do Inconsciente produzir lapsos.

Palavras-chave: Escrita; Linguagem; Língua; Sujeito do Inconsciente.

Abstract:

This article is the result of research that aims to address supposed “errors” in the textual productions of children in the process of acquiring written language as possible formations of the unconscious. Thus, studies conducted in psychoanalysis, linguistics, and in the field of speech and writing acquisition allowed us to take as our object of analysis the data from Soares' dissertation (2013): five textual productions by children aged seven to nine, students in the second grade of

¹ Psicóloga, Mestra em Psicologia Práticas e Inovação em Saúde Mental (PRISMAL) pela Universidade de Pernambuco. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4525-7525>. E-mail: psitatyaneferreira@gmail.com.

² Doutora em Psicologia pela Université René Descartes – Sciences Humaines - Sorbonne - Paris 5 – França. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2187-9945>. E-mail: fatima.vilar@unicap.br.

elementary school at a public school in the city of Recife. The results show that errors can also be conceived not as indicators of dysfunctions of an epistemic subject, forged by an exteriority that shapes it, but as inherent to the functioning of the laws of language that allow the subject of the Unconscious to produce lapses.

Keywords: Writing; speaking; Language; Subject of the Unconscious.

Resumen:

El presente artículo es fruto de una investigación que tiene como objetivo abordar los supuestos "errores" en las producciones textuales de los niños en proceso de adquisición del lenguaje escrito como posibles formaciones del inconsciente. Así, los estudios realizados en psicoanálisis, lingüística y en el campo de la adquisición del habla y la escritura nos han permitido tomar como objeto de análisis los datos procedentes de la tesis de Soares (2013): cinco producciones textuales de niños de entre siete y nueve años, alumnos de segundo curso de primaria de una escuela pública de la ciudad de Recife. Los resultados muestran que los errores también pueden concebirse no como indicadores de disfunciones de un sujeto epistémico, forjado por una exterioridad que lo modela, sino como inherentes al funcionamiento de las leyes del lenguaje que permiten al sujeto del inconsciente producir lapsos.

Palabras clave: Escritura; Lenguaje; Lengua; Sujeto del Inconsciente.

Introdução

[...] palavra puxa palavra, uma idéia traz outra, e assim se faz um livro, um governo ou uma revolução, alguns dizem que é assim que a natureza compôs as suas espécies (Assis³, 1997, p.44).

Sabemos que a educação foi e é concebida como um grande setor da estrutura sociocultural, inclusive há campos epistêmicos que atribuem à escola o papel de gerenciar a apreensão da realidade pela criança. Dessa maneira, a criança se tornou objeto de discursos que defendem um saber especializado à serviço de um empreendimento próspero. Na contramão dessa racionalidade, assumimos a posição que concebe a criança como enigma que resiste à teorização, ou seja, "embora o real de sua condição sempre convoque simbolizações e significações, sua singularidade sempre aparece como aquilo que não se encaixa, como falta ou resto; seu ser, seu brincar, seu falar sempre cuida de desmontar as teorias" (Azenha, 2014, p. 367). Essa perspectiva nos endereça a uma concepção outra da alfabetização, ou seja, à concepção que envolve questões subjetivas.

³ASSIS, M. Primas de Sapucaia. In: ASSIS, M. **Histórias sem data**. São Paulo: Globo, 1997, p.43-49.

Desse modo, o presente artigo se caracteriza como relato de uma pesquisa realizada na Universidade Católica de Pernambuco, em 2020, com o título: "Erros ou lapsos? Incidências de formações do inconsciente na produção de textos infantis". Essa atividade é fruto de um projeto maior intitulado "Funcionamento da (língua)gem e formações do inconsciente em situações de aquisição de linguagem e em obras literárias". Recorremos, para realização desta pesquisa, a conceitos psicanalíticos desenvolvidos por Freud e por Lacan, bem como a conceitos linguísticos, elaborados por Saussure e por Jakobson. Percebemos que, a partir dessas teorias, podemos apresentar outra perspectiva acerca da aquisição da língua escrita, assumindo uma posição crítica à visão de "erro" que comumente é atribuída à presença de palavras ilegíveis.

A concepção de sujeito que assumimos subverte a concepção proposta por Descartes, "penso, logo sou", pois Freud nos lança numa outra cena, origem do ato humano: o Inconsciente. Tempos depois, a partir da (des)leitura⁴ freudiana, Lacan concebe o sujeito como efeito da linguagem, isto é, discorda da concepção de realidade pré-discursiva adotada pelo pensamento cartesiano e propõe, como Freud, um valor de destaque a linguagem. "É o mundo das palavras que cria o mundo das coisas" (p.277), destaca Lacan (1998) sobre a função estruturante da linguagem.

Dessa feita, as imbricações entre psiquismo e linguagem são pertinentes para a psicanálise, haja vista que a incidência do inconsciente acontece pelas formações dos sintomas, dos sonhos, dos chistes, os lapsos de fala e escrita, os atos falhos, e, finalmente, as lembranças encobridoras (Freud 1987a, 1987b, 1987c; Lacan, 1999). Vale ressaltar que em seus primeiros trabalhos, dedicado à interpretação dos sonhos, Freud descobre os processos responsáveis pela elaboração destes e das outras formações do Inconsciente: o deslocamento e a condensação. Essa descoberta foi crucial para se pensar a gênese de qualquer formação do inconsciente que são tributárias da (língua)gem.

Nesse ponto vale invocar também os trabalhos de Saussure sobre a linguística geral, pois tanto o seu pensamento linguístico como o de Jakobson consistem em fundamentos à teorização de Lacan. Saussure considera a língua como um sistema de signos, ou sistema de valores regido mediante de uma convenção: "o vínculo que une um nome a uma coisa está longe da verdade" diz Saussure (p.79, 2006). Assim sendo, Depreende-se dessa proposta que, para esse autor, o signo, constituído pela união entre significado e o significante, é arbitrário. Vejamos o que diz Saussure a esse respeito:

[...] Tudo o que precede equivale a dizer que na língua só existem diferenças. [...] Quer se considere o significado, quer o significante, a

⁴ Termo empregado a partir da proposta de Ricardo Goldenberg em seu livro *Desler Lacan*. O termo *Desleitura* não é tomado como simples movimento de transparência na apreensão do que o autor menciona ou propõe, mas como possibilidade haver, ao ler, implicação e atravessamentos na relação leitor-autor.

língua não comporta nem ideias, nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema (Saussure, 2006, p. 139).

Essa concepção de signo e de língua deixam ver a equivocidade do signo e, por conseguinte, a heterogeneidade e opacidade da língua, como assinalam Carvalho e Vilar de Melo (2018). Ainda no Curso de Linguística Geral, Saussure (2006) afirma que a união entre a língua e a fala vão compor a linguagem. O exercício da língua produzirá a fala e esse exercício acontece pelo movimento de dois eixos: o eixo associativo e o sintagmático. O eixo associativo concerne à seleção de palavras que estão associadas na memória dos falantes de uma língua, formando grupos. Fundamentadas em Testenoire⁵, Carvalho e Vilar de Melo (2018) afirmam que este eixo pode mostrar a importância da dimensão fônica que, a qualquer momento, pode vir a ser o suporte material da associação semiótica (2018, p. 225). Essa proposta dá suporte para a compreensão psicanalítica dos deslizamentos de significantes na cadeia discursiva.

Já o eixo sintagmático concerne às relações que acontecem *in presentia* e correspondem à maneira pela qual as palavras assumem significação dentro de um sintagma. Elas se fundam no princípio de linearidade da língua que exclui a possibilidade de se pronunciar simultaneamente dois signos.

Apoiado nos conceitos freudianos de deslocamento e condensação, o linguista Jakobson (2007) irá fazer uma releitura dessa proposta saussuriana e, assim, afirmar a existência de dois processos compostos, cada um, por dois eixos: o processo metafórico e o processo metonímico; o primeiro é formado pela seleção e substituição e o segundo pela combinação e contiguidade.

Nesse sentido, estamos tanto assumindo a concepção de sujeito como resultante da operação discursiva quanto salientando que o processo de aquisição da língua escrita, ao corresponder ao período da alfabetização na escolarização da criança, consiste em um processo delicado não só para os professores, como também para as crianças e suas famílias. Em função da sua importância, esse processo vem sendo pesquisado em diversos campos do conhecimento, porém, a maioria dessas pesquisas restringe esse processo às seguintes dimensões: social, cognitiva e didática. Assim, existe uma carência significativa de pesquisas concernentes à dimensão afetiva o que implicaria os efeitos subjetivos da escrita, afinal tornar-se escrevente (termo que Burgarelli toma emprestado de Roland Barthes) tem efeitos de longo alcance na vida do ser humano.

Nesse ponto, a proposta deste artigo, aproxima-se das críticas levantadas pelas perspectivas sociointeracionistas, em que o caminho que leva à escrita não pressupõe primordialmente a aprendizagem de uma técnica que faz corresponder um som a um

⁵ TESTENOIRE, P-Y, Jogos de palavras, jogos fônicos e anagramas na reflexão linguística de Saussure. In: LIER-DEVITTO, M. F.; CARVALHO, G M. M.; VILAR DE MELO, M. de F.; ARANTES, L. **Saussure do CLG e dos anagramas**: incidências. São Paulo: Educ, 2024, p.121-155.

signo, pois há um caminho subjetivo a se percorrer (Sei; Moschen, 2014). Segundo essas autoras, o sujeito é constituído a partir das marcas psíquicas nele inscritas. A partir dessas marcas o sujeito irá constituir o seu lugar.

Ademais, articulamos questões formuladas por pesquisadoras brasileiras, situadas no campo da linguística ou da educação, cujos trabalhos resultam do diálogo entre a linguística e psicanálise Freud-lacaniana, a exemplo de Borges (2006, 2010). Essa autora aborda a aquisição da escrita e da leitura a partir de transformações nas relações criança/escrita, o que nos permite atribuir primazia ao trabalho do significante⁶ nesses processos de aquisição. Assim, deve-se a Borges, a criação de uma nova perspectiva de aquisição de língua escrita que contempla os aspectos linguísticos e subjetivos até então negligenciados. Para tanto, ela se apoiou na perspectiva de aquisição da linguagem inaugurada por Lemos (2002), que, por sua vez, tem como pilares a linguística saussuriana e a jakobsiana, bem como a psicanálise Freud-lacaniana. Essa teoria também abriu caminho para uma inovadora apreensão do “erro” de linguagem nesse campo do saber, a exemplo também de trabalhos elaborados por Carvalho (1995). Trabalhos que consistiram em preciosos guias para pensar a relação entre “erros de linguagem” e formações do inconsciente, juntamente a trabalhos que vêm sendo realizados no campo da psicanálise lacaniana, como os de Pommier (2011a, 2011b).

Nosso objetivo consiste em discutir a análise de produções escritas por crianças em processo de aquisição da língua escrita, enfocando os “erros” como possíveis formações do Inconsciente. Para isso, nos delimitamos em identificar e classificar os “erros” presentes nas produções; analisar os “erros” que parecem consistir em formações do inconsciente, a saber: esquecimento de palavras, troca de palavras, rasuras, aglutinação e mutilação de palavras, grafia “incorreta” de palavras etc; bem como articular essas marcas com o funcionamento (metafórico e metonímico) da língua.

Caracterização dos textos escolhidos: aspectos metodológicos

Trata-se, como já dito, de uma pesquisa que realizou a análise de cinco textos produzidos por cinco crianças. Esses textos foram originalmente elaborados para a pesquisa de Soares (2014), aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco, sob o parecer n° 067/2009. A escolha desses textos foi motivada por sua fecundidade em relação ao escopo da referida pesquisa e os aspectos éticos foram preservados.

O campo da pesquisa foi uma Escola Municipal da cidade do Recife, localizada em uma região habitada seja por pessoas pertencentes à classe média baixa, ou por pessoas

⁶ O termo significante empregado pela autora abarca a influência da Linguística de Saussure e da psicanálise, uma vez que, em ambos os campos epistêmicos, o significante não se assemelha a um significado, a uma unidade linguística unívoca e apreensível, pois marca um dizer não-todo efeito de cadeia de significantes: “Nenhum significante se produz como eterno [...] o significante melhor teria válido colocá-lo com a categoria de contingente.” (Lacan, 1972-1973, p.56).

oriundas das classes populares. Essa escola trabalha com o ensino infantil e o ensino fundamental I, sendo frequentada por crianças da redondeza. As crianças vivem, em sua maioria, em situação de grande carência tanto no tocante às condições concretas de vida quanto no que tange à dinâmica familiar.

No quadro abaixo descrevemos as cinco crianças selecionadas, mas com intuito de preservar o anonimato, optamos por nomeá-las com suas iniciais.

CRIANÇAS	IDADE	SÉRIE
1. (T. F. F. G)	7 anos	2ª série
3. (M.L)	8 anos	2ª série
3. (B.C.C.S)	8 anos	2ª série
4. (C.C.B.S)	9 anos	2ª série
5. (J.C.P.S)	7 anos	2ª série

Quadro 1: Caracterização das crianças participantes

Fonte: Soares (2014).

Os textos infantis foram produzidos a partir da leitura do livro “Dia de chuva” de Ana Maria Machado. A escolha desse livro foi orientada pela professora da turma que, para fazê-la, levou em consideração o fato de o livro estar voltado ao público infantil e ter características que atendessem ao momento pedagógico da turma. Porém, vale observar que o primeiro encontro da pesquisadora com essas crianças consistiu na realização de uma dinâmica intitulada “O desejo de ser e ter” que tinha como intuito estabelecer uma relação amistosa.

Importa assinalar que algumas informações sobre as crianças e suas condições de vida foram obtidas através de discussões que ocorriam nas reuniões pedagógicas da escola, como também por conversas espontâneas que a pesquisadora manteve com a professora da turma.

A análise dos textos contou a eleição dos seguintes parâmetros a) Os deslizamentos metonímicos e metafóricos compondo a estrutura textual; b) Os traços marcados no texto: letras, palavras e desenhos; c) Os tropeços de linguagem: troca de palavra, mutilação de palavras, repetição ou substituição; d) A substituição da palavra pelo desenho; e) O desenho acompanhando a pintura; f) As rasuras: correções e apagamento de palavras.

Erros ou Lapsos?

Antes de partirmos para discussão dos textos infantis, vale ampliar a apresentação dos fundamentos teóricos da nossa proposta de leitura dos supostos “erros”, pois é bastante propagada a ideia de que a criança “deve objetivar a língua, ou seja, convertê-la em

objeto de reflexão, descobrir que tem partes ordenáveis, permutáveis, classificáveis [...], construir uma 'meta-linguagem' para falar sobre a linguagem convertida agora em objeto" (Ferreiro *apud* Borges, 2006, p. 47). Desse modo, o conhecimento desse objeto - a linguagem, passa a ser concebido como uma produção que, a partir de auxílio pedagógico, cronológico e/ou estágios maturacionais, atinge o nível de representação.

A crença na transparência da linguagem por teorias inatistas e cognitivas tem como base a autonomia do sujeito perante a linguagem, isto é, "atribui-se a capacidade de agir sobre a linguagem e representá-la como algo que fosse exterior à própria subjetividade, ou seja, a análise desses objetos é homogeneizada e abstraída da relação entre o sujeito e sua atividade linguística" (Camargo, 2008, p. 227). Nota-se então, a presença de práticas alfabetizadoras que tendem enfocar os aspectos fônicos e gráficos da escrita, os quais, enquanto representação, são concebidos como atividade mental consciente e intencional. Essas práticas enfatizam ainda, que a sua apreensão pela criança é resultado do valor social da escrita, dada a habilidade de leitura e composição textual que a língua escrita engendra.

Em contrapartida, Borges (2006) propõe uma revisão da posição representacionista, propagada pelas teorias de cunho cognitivista e também por teorias comunicacionais, no que diz respeito a concepção de sujeito e de língua. Burgarelli (2003), ancorado em Borges, sublinha a grande disseminação da importância da linguagem, inclusive como o marcador da distinção entre os humanos e os demais animais, bem como a carência de perspectivas que apresentem a escrita como realização simbólica pela qual o sujeito se constitui.

A problemática crucial sobre a qual nos debruçamos é que essas teorias de aquisição da linguagem, que reduzem a escrita a uma categoria cognitiva, passível de ser descrita e enquadrável em estágios homogêneos e universais, assumem a concepção de erro como falha, um fracasso do saber, ou seja, quando o sujeito epistêmico na construção do seu conhecimento dá uma resposta que inadequada.

Carvalho (1995) discute essa noção de erro ligada à lógica clássica. A lógica clássica, segundo essa autora, remete a questões mais amplas como a questão da verdade versus falsidade em correspondência com as noções de completude e consistência. Isso corrobora para o tratamento de exclusão, haja vista que as deturpações da fala e da escrita da criança, vistas como erro, são restos, resíduos a serem higienizados. A autora aponta ainda que, ao considerarem essa totalidade pré-concebida da linguagem, desconsideram a formulação de que "a totalidade é necessária para apreensão do não todo e, ao mesmo tempo, é negada" (p.51). Milner (1987) discute essa incompletude da linguagem, afirmando haver um ponto de cessação do todo linguístico, de seus extratos e da divisão entre possível e impossível, certo e errado. "Esse ponto é localizado no equívoco, isto é, na possibilidade de uma locução verbal ser, ao mesmo tempo, ela mesma e uma outra, o que significa em última análise a suspensão de sua identidade" (p.52). Logo, "o equívoco parece desfazer os estratos linguísticos, sendo também

característicos deste campo um permanente movimento de recuperação e refechamento" (p.52), como mostra o incessante retorno do equívoco.

Articulamos o equívoco ao que Teresa Lemos (1994) propõe como "efeito de estranhamento" ou "efeito de enigma", o que nos encaminha a assumir o "erro" como ponto de impasse: "[...] interseção entre saber e não saber, se de um lado representa um confronto com dificuldades e incompletude, de outro talvez signifique tomar o caminho aberto por Jakobson na trilha da não exclusão" (Carvalho, 1995, p.56). Jakobson, ao propor o funcionamento da linguagem, a partir do eixo metafórico e do eixo metonímico, como já dito anteriormente, fez parte do aporte teórico de Borges (2006) e Lemos (2002). Estas autoras propõem pensar a opacidade nos processos de fala e de escrita a partir da psicanálise lacaniana, à medida que concebem os processos linguísticos em conformidade com as leis do inconsciente, bem como recorrem a Freud no tocante aos processos de deslocamento e condensação.

Dessa maneira, visamos questionar o processo de "aquisição da escrita" como comumente é pautado, "pois o leitor ou escritor/escrevente não cria, propriamente, no sentido material, os textos; ao contrário, estes historicamente o antecedem [...] Não se trata de dois tempos/fases, duas entidades, nem de duas linhas, e sim de efeitos de um traçado apenas, o traçado do significante" (Burgarelli, 2003, p. 142).

Dito isso, assumimos a concepção lacaniana e de seus comentadores sobre significante e sujeito não como entidades apreensíveis e isoladas, mas produto de uma operação linguística indissociável. Adotamos a concepção de sujeito como uma operação analítica a partir da função estruturante da linguagem, isto quer dizer que "[...] o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante. Ora, o que é um significante? [...] um significante é aquilo que representa um sujeito, para quem? - não para um outro sujeito, mas para um outro significante [...]" (Lacan, 1985, p. 187).

Não há definição possível do campo analítico sem que se estabeleça a função estruturante do significante em relação ao sujeito, seu valor constitutivo no sujeito como falante. Numa palavra, o sujeito humano é impossível de desatrelar do discurso, ou, mais precisamente, da cadeia significante. Isso pôde ser escamoteado em nome de preconceitos mecanicistas ou biológicos, mas a experiência psicanalítica é do mais alto valor para mostrar que isso é inescamoteável. Com efeito, ela mostra que, no nível da cadeia significante como tal, o sujeito está preso nesse Outro que é o inconsciente, e que, sem a intervenção de um Outro, ele não tem acesso ao inconsciente (Lacan, 1999, p.526).

Dessa maneira, reconhecemos a forte presença e os efeitos da palavra ou da fala do Outro (tesouro de significantes) na constituição da criança, em sua escrita, ao passo que as perspectivas representacionistas, racionalistas, visam ao alcance do saber, dos significados e/ou representações.

Lapsos e outras formações do inconsciente: a linguagem causa do sujeito

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali alguma coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade (Lacan, 1985, p. 29-30).

Como sublinhamos anteriormente, assumimos a perspectiva de que o discurso do Outro incide na produção do sujeito, o que nos permite sublinhar a emergência do sujeito sob efeito do trabalho do significante, através dos processos metafóricos-metonímicos, mobilizados pelas identificações e transferências – pela via do "espelho" – das apropriações e capturas, nas formas polimorfas e imprevisíveis (Borges, 2006).

Assim, o que se costuma ser denominado como erro de escrita, isto é, produto de uma disfunção, desvio na apreensão da língua a partir de uma perspectiva cognitiva, como as trocas de palavras, as mutilações de palavras, as repetições e as rasuras, reconhecemos como um movimento de constituição: a linguagem causa do sujeito.

Reconhecemos que rasuras e supostos erros na trajetória da escrita, percorrida pela criança, precisam de uma visão mais ampliada. Lajonquière (1992) defende que tais "tropeços", impasses, são constitutivos, mas a escola constantemente os desconsidera ou os elimina, classificando-os como não-textos.

Oliveira (2004⁷ *apud* Pires, 2015) nos interroga: "Estaria a rasura servindo como trava para a consecução do texto ou, ao contrário, abrindo brechas para o inesperado através das rupturas na textualização?" Pires (2015) ainda acrescenta:

A questão é que o funcionamento da língua na escrita supõe a produção de equivoco, de fissuras e descontinuidades textuais, sempre ou falhas na escuta ocorrem – a relação rascunho-versão final mostram a imprevisibilidade do processo de construção de textos. Rasuras são marcas gráficas que deixam na escrita algo de presença daquilo que se quis ocultar, modificar, apagar [...] (p. 52).

Em suma, assumimos uma posição crítica quanto à concepção de erro, uma vez que esta tende a se restringir a ser categorizada mediante determinado viés científico e epistemológico. Ancoramo-nos em Lacan (2006), uma vez que este autor demarca que a psicanálise não caminha pelo campo da lógica clássica, aristotélica, que consiste em emuralhar "por trás de categorias" e "fazer gavetas". Ele ainda nos conduz a concepção do engano no real, que se trata, desde a ciência mais antiga, de real do sábio: "[...] o que não se vê é que esse real do sábio, a saber, o que é um saber, é exatamente um corpo de significantes e absolutamente nada mais!" (Lacan, 2006, p.334).

⁷ OLIVEIRA, E. **Autoria**: a criança e a escrita de histórias inventadas. Londrina: Edel, 2004.

Dito isso, propomos o uso do termo lapso e da conceituação a partir da psicanálise, o que nos permite concebê-lo como marcador de uma irrupção, na fala ou escrita de aparição polimorfa produzida no discurso. Freud (1987d) reconhece que a aparição distorcida do lapso não haveria de ser lida por juízo de valores morais ou como desvio cognitivo, mas incidência do processo de deslocamento e condensação. Trata-se da incidência do sujeito do inconsciente.

A leitura do sujeito do inconsciente, marcado pelas rasuras, troca de palavras, aglutinações, repetições, traçados e desenhos, concebidos como impasses e lapsos, aponta-nos para os movimentos de presença de afetação de um sujeito frente ao que escreve. Em outras palavras, os indicadores de uma retroação sobre um texto, movimento de aproximação da posição de escrevente ao seu próprio texto, e a emergência subjetiva da escuta a sua própria fala/escrita, como sugeriu Lier-DeVitto (2011).

Consideramos que mediante a folha de papel e encontro com a palavra, impasses tendem a surgir, convocando o escrevente a se apresentar como sujeito – descentralizado, dividido. Assim, as grafias de palavras e rasuras supostas como incorretas são efeitos de movimentos metafóricos e metonímicos que anunciam o caráter heterogêneo da língua(gem), próprios a indissociação entre sujeito-Outro-palavra.

Nas produções de textos infantis que analisamos fica possível de perceber essa relação da criança com enunciado do outro. Destacamos que cada texto será discutido a seguir, mas estamos relacionando a essa discussão às articulações de Cláudia Lemos (2002): “os enunciados da criança são cadeias permeáveis a outras cadeias” (p.61). Borges (2006) também acompanha essa proposta e afirma que a fala e escrita são produtos da relação com outro, sujeito de linguagem. Assim, os movimentos metafóricos e metonímicos indicam que a “modalidade de escrita responde por deslocamentos diferentes do sujeito frente ao seu próprio texto: há momentos de maior ou menos tensão na escrita” (Pires, 2015, p.52).

Dessa maneira, nos escritos de cada criança poderemos perceber que há retroações sobre suas escritas, uma vez que estas remetem a cenas vividas em seus textos, o que indica mobilidade na estrutura textual e, assim, operação de deslocamento e substituições de elementos numa estrutura. Ainda, podemos articular os movimentos metafóricos e metonímicos na teoria freudiana quando o próprio Freud (1987a, 1987b, 1987c) enfatiza que as marcas de experiências se inscrevem como traços mnêmicos e estas têm relação com a incidência do inconsciente na produção de tropeços de linguagem. Por sua vez, Lacan (1999) propõe que o inconsciente escreve.

As rasuras que costumam ser “representativas de uma falta-de-saber” (Carvalho, 1995) e restos inúteis, comumente nas escolas, podem nos indicar o cruzamento de outros textos, momentos de impasse que revelam o caráter lacunar do consciente, como Freud o propôs.

Interessante que Lacan (1999) e Borges (2006) nos conduzem a pensar as repetições nas estruturas textuais como a emergência de um jogo simbólico cifrado efeito de

movimento do significante que insiste nas possibilidades de escrita, de inscrição. Ademais, nas composições textuais não é difícil perceber ainda o uso de desenhos, como veremos a seguir na análise dos textos selecionados. Pommier (2011a, 2011b), valoriza o uso dos desenhos, caracteriza-os como marcadores da travessia da criação à escrita. Diz ele: “O caminho do alfabetismo leva em conta [...] o apagamento da imagem – primeiro em prol da sílaba, depois da literalidade [...]” (p.19).

O que podemos ler dos textos infantis: possíveis discussões

O escopo deste item é apresentar e discutir as análises empreendidas, a partir dos parâmetros de análise citados.

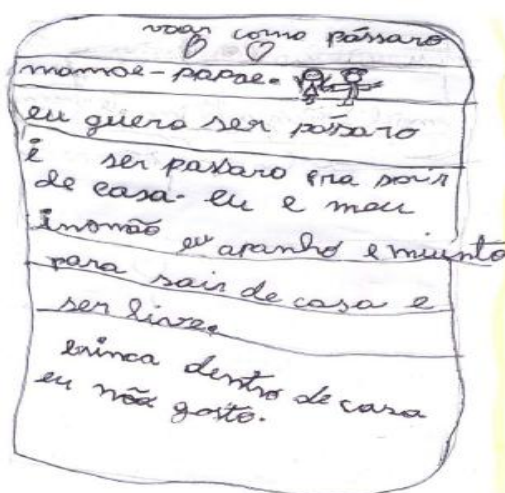


Figura 1: Texto de T. F. F. G.
Fonte: Soares (2014).

No texto 1, observa-se palavras escritas com traçados fortes, marcantes, indicando serem escritas após rasuras, o que lemos como indício da atividade inconsciente, impasses em que o participante é afetado ao escrever a palavra. Inesperadamente se observa marcas que indicam que esta criança diagramou a folha, o que nos convoca a pensar sobre seu investimento na escrita. Porém, essa diagramação apresenta lapsos, possíveis indícios de atravessamentos do inconsciente, pois, ao longo do texto notamos a implicação da criança na sua escrita, deixando escapar não só as marcas da diagramação, mas a extrapolação do “muinto”, precedido pelo “eu apanho”. A presença da palavra “inômão” também produz estranhamento. A irrupção desta palavra com grafia “distorcida” causa estranhamento, não só pelo distanciamento da palavra esperada -irmão-, como também pelo momento em que aparece no texto, o que aponta para o conceito de lapso. Em Freud (1987d), o lapso tem sua aparição distorcida, revelando que há uma mobilização de defesas do sujeito do inconsciente. Lacan (1985, 1999) faz uma releitura que permite a discussão acerca da captura do sujeito em sua

rede de significantes e propõe: a escrita emerge de traços, marcas que saem de algo recalcado, restos distintivos que evidenciam o enlaçamento da linguagem com o real. Dessa forma, a irrupção de uma palavra nova, inventada, como “inomão”, que causa estranhamento, parece nos indicar, não uma falha na apreensão da escrita, mas um texto marcado pela irrupção do Real, em que a palavra ilegível evidencia a letra não só como suporte material dos significantes, mas como resto não assimilável, um furo no sentido da lógica clássica (Lacan, 2006).

Chama-nos a atenção a atuação dos processos metonímicos e metafóricos na produção desse texto, que desde o título podemos notar “pássaro - ser livre - voar”, a palavra pássaro inclusive se repete “ser pássaro” na frase “eu quero ser pássaro i ser pássaro para sair de casa”. Ademais, vale destacar, que é apenas neste momento do texto que a conjunção “e” aparece grafada com um “i”. Abordar esses processos nos remete tanto a Jakobson (2007) como a Freud (1987a, 1987d) quando fala do deslocamento e da condensação como princípios responsáveis por formações do inconsciente. Vale notar que a repetição do termo, “ser pássaro”, parece aludir a insistência do significante como movimento característico do inconsciente (Lacan, 1999). Interessante que esse participante desenha um pequeno casal, como também pequenos corações, após a escrita de “mamae e papae”. O desenho, um recurso utilizado paralelamente à escrita, faz parte, segundo Pommier (2011a), da travessia da criança para chegar à modalidade escrita da língua.

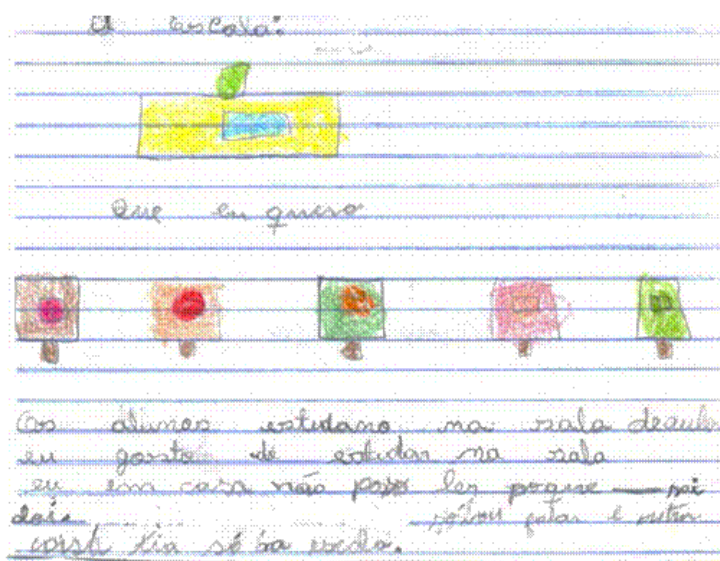


Figura 2: Texto de M.L.
Fonte: Soares (2014).

No texto 2, a criança também recorre aos desenhos, pinta-os e são seguidos de frases. É possível perceber seu investimento na disposição espacial do texto. Nesse ponto, lembremos a afirmação de Pommier (2011a): as crianças têm que recalcar o valor icônico e fônico da letra para ascender ao sentido, o que permitirá a ultrapassagem do desenho. Importante ressaltar que, na história escutada, as crianças do enredo brincam em casa, é este o significante “casa” que nos permite pensar ser o elemento associativo

da história escutada. Desse modo, supomos que esta criança ao escrever “eu em casa não posso ler porque”, está presa à cena de sua própria casa. Interessa também observar que, logo em seguida, essa criança escreve rompe o fio textual ao escrever “sai daí”. Após essa ruptura, ela apaga uma palavra e escreve a enigmática frase final “só vou falar e outra coisa tia só na escola”.

Como vimos, os supostos “erros”, como as aparições de palavras desconexas, podem sinalizar, segundo Lemos (2002), a opacidade da linguagem que opera em articulação com os processos inconscientes, o que vem realçar a proposta teórica de que sujeito não é separado da linguagem e sim efeito de linguagem e isso marcará a sua relação com a escrita.



Figura 3: Texto de B.C.C.S.
Fonte: Soares (2014).

O texto da participante 3 (B.C.C.S) levanta muitas questões, não só por apresentar aquilo que aqui concebemos como lapsos, mas pela forma que o texto, composto por desenhos e palavras, foi estruturado. A partir do título “Eu quero ser felis” podemos perceber um movimento de implicação do sujeito na história contada, assim como em outra frase em seu texto: “Eu não quero ficar preso em casa”. O uso do pronome pessoal e do desenho, que discutimos abaixo, vem fortalecer essa nossa suposição.

Ainda, após o título podemos perceber que há uma tentativa de escrita de um outro texto, uma vez que ocorre a ruptura do uso da primeira pessoa e a inclusão de um personagem de outro sexo, ela escreve: “era uma ves o menino triste”. Mas, a seguir outra ruptura se produz e criança volta a usar a primeira pessoa ao escrever: “meu pai e mamãe bebei e fuma muito. Papaida murro em mamãe”. O texto divide espaço com o desenho de uma casa, no qual há pequenas figuras pintadas em baixo da mesa. B.C.C.S., chega a se nomear como uma dessas, há também uma figura masculina bem maior dos que os outros, que supomos que seja o seu pai pelo teor do seu texto. Ainda, próximo a

sua escrita “papaida murro em mamãe” a figura de seu pai e sua mãe aparece mais duas vezes, representando o pai sempre maior que a mãe. Notemos a aglutinação - papaida”, o que se repetirá algumas vezes no texto, como na última frase, “eu eu não seião”, que comporta também a repetição do pronome. Essa frase rompe com o restante do texto, provocando um efeito de estranhamento. Vale destacar a forte presença do desenho e sua função de travessia no período do letramento e suporte de histórias que a criança conta de si mesma (Pommier, 2011b).

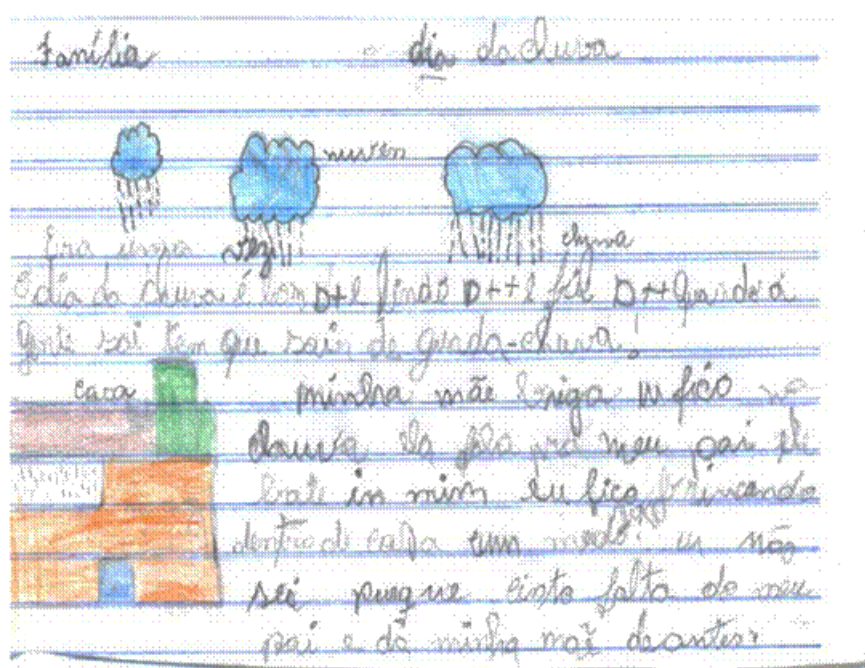


Figura 4: Texto de C.C.B.S.

Fonte: Soares (2014).

O texto 4, escrito por C.C.B.S., também ressoa o texto lido. Apresenta dois títulos, “Família” e “dia da chuva”, colocados lado a lado, mas com uma certa distância. Diríamos que essa criança estabelece uma relação metonímica entre o livro lido com título “Dia de chuva” e a “Família” presente desde a primeira cena da história contada. O texto começa com “Era uma vez”, o que parece indicar a pretensão de se distanciar do que escreve, mas essa distância logo se perde, uma vez que a escrevente passa a usar primeira pessoa: “minha mãe briga eu fico na chuva...”.

É possível também notar na produção textual 4 (quatro) desenhos pintados que, curiosamente, são indicados pela escrita da palavra, numa espécie de legenda do desenho. Importante novamente pontuar o que Pommier (2011a, 2011b) e Borges (2006) compreendem que o desenho está envolvido no movimento de constituição da língua escrita, permitindo a criança reconstituir as representações simbólico-imaginárias. Ademais, ao substituir o desenho pela palavra, C.C.B.S. destaca a prevalência da escrita

de palavras, o que marca a sua travessia para se tornar escrevente⁸ (Burgarelli, 2003). A frase final, “eu não sei porque cinto falta do meu pai e da minha mãe deantes”, advinda de “ele bate in mim eu fico brincando dentro de casa cum medo”, provoca um estranhamento por não dar continuidade ao que vinha sendo escrito e comporta uma aglutinação - “deantes”. Ainda, a escrita de “cinto” ao invés de “sinto”, leva-nos primeiro a pensar que esse suposto erro, corresponde a uma condensação das palavras sinto (verbo) e cinto (objeto), o lugar que ele (o suposto erro) aparece no texto, advoga em favor da nossa hipótese de lapso, uma vez que os movimentos discursivos são mobilizados pelo funcionamento fônico, como discutimos acima a partir de Carvalho e Vilar de Melo (2018) e Freud (1987e). Este autor enfatiza a homofonia como condição de lapso, diz ele:

[...] em uma imensa quantidade de casos meu falar não é perturbado pela circunstância da palavra, que estou usando, lembrarei de outras com som semelhante, de serem intimamente vinculadas a seus contrários, ou de associações correntes que delas derivam (Freud, 1987, p.64).

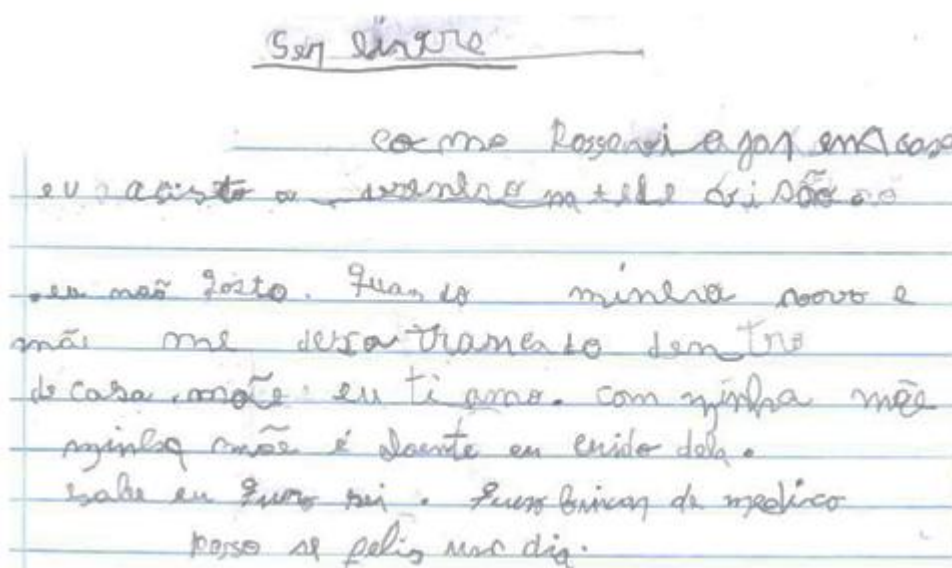


Figura 5: Texto de J.C.P.S.
Fonte: Soares (2014).

Por fim, o texto 5, produzido por J.C.P.S., tem uma escrita de leve pressão sobre o lápis, mesmo após rasura. É a única produção que não tem desenho, mas a palavra desenho é sublinhada em seu texto, em “eu acisto o desenho na tele visão”. Nesta frase há uma troca de letras no verbo assisto e uma segmentação indevida da palavra televisão. Podemos observar ainda o excesso de pontos (sinal) que são seguidos por palavras

⁸ Neologismo criado por Roland Barthes, presente nos textos de Burgarelli (2003).

iniciadas com letras minúsculas ao longo do texto. Esse excesso nos interroga acerca da emergência de outros textos em sua escrita.

No título J.C.P.S. escreve “ser livre” sublinhado, o que nos alude ao texto lido, mais especificamente, ao sentimento de liberdade vivido pelas crianças ao brincar e nos conduz a pensar ao que Jakobson (2007) afirma a respeito do funcionamento metafórico e metonímico:

[...] manipulando esses dois tipos de conexão (similaridade e contiguidade) em seus dois aspectos (posicional e semântico) – por seleção, combinação e hierarquização – **um indivíduo revela seu estilo pessoal**, seus gostos e preferências verbais (p.56, grifo nosso).

J.C.P.S. passa a falar de sua vida depois de um espaço de uma linha sem escrita. Essa ruptura com que vinha sendo escrito divide visualmente o texto. O texto dessa criança é marcado por um jogo de palavras antônimas - livre e preso. Jogo que, além de atender ao título dado, dá a ver como os deslizamentos metonímicos tecem o texto e vão dando pistas das dores e dos quereres dessa criança. Assim, traços do vivido podem surgir na escrita da criança, de forma que capturada pela língua e assujeitada pelo desejo de escrever, a criança escreve. Chama-nos atenção a frase que termina o texto: “posso ser feliz um dia”. Esta frase final sinaliza que essa criança é convocada, na escrita, a construção simbólica de sua realidade, de modo que transpondo as dificuldades que vivencia, lança-se na esperança.

Considerações Finais

À guisa de conclusão, inferimos que os resultados acima relatados, fortalecem a proposta de que os “erros” não são, necessariamente, indicadores de disfunções de um sujeito epistêmico, mas são próprios da equivocidade que a língua comporta, em que o funcionamento das leis da língua(gem) permite o sujeito do Inconsciente operar levando às formações dos lapsos, mesmo que essas crianças tenham dificuldades com a escrita em função de problemas de condições concretas, tanto da sua vida familiar como a escolar. Eles são marcas do ponto que a criança está nesse processo, que mesmo sendo tecido pelas diferentes dimensões que compõem um processo vivido por um sujeito fundado pela linguagem e, por conseguinte, marcado por um funcionamento psíquico dividido entre o inconsciente e o consciente.

Assim, as repetições de palavras (como “ser pássaro”, no texto 1, e “ser livre”, no texto 1 e 7), as aglutinações (bem presente no texto 3 em “bebei”, “papaida” e “seinão”), e as grafias “incorretas” de palavras (como “inomão” no texto 1, e “sai doi” no texto 2) puderam ser discutidas como tropeços, impasses, possíveis indícios de formações do inconsciente, que irrompem como marcas do sujeito, efeito de linguagem, representado entre significantes, isto é, um significante o representa para outro.

Os lapsos irromperam nas estruturas textuais das crianças, desenvolvidas partir dos movimentos dos processos metonímicos e metafóricos. Tais processos, como discorreremos ao longo desta escrita, foram inicialmente apresentados por Jakobson, a partir de sua leitura de Saussure sobre o exercício da língua. Porém, Lacan nos conduz a pensar que os processos metaforonímicos não remetem apenas ao movimento autônomo da língua, mas também a um sujeito, isto é, ao modo de emergência do sujeito entre cadeias de significantes. Dessa forma, a história "Dia de chuva", lida, afetou as crianças convocando-as a escreverem seus textos a partir de suas situações de vida, supostos desejos e movimentos subjetivos. Cada criança teceu sua leitura e, por seguinte, sua própria escrita.

Observamos que os textos, em sua maioria, apresentaram desenhos e palavras escritas com rasuras. A presença dessas características nos possibilita pensar na relação da criança com a língua pautada pela inscrição dos significantes que tecerá o movimento textual e discursivo regido pela operação de recalque do valor icônico e fônico para a ascensão da criação de sentido.

Referências

AZENHA, C. Dejeito ou objeto? Eis a questão para "a criança". **Educativa**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 367-383, 2014.

BORGES, S. **O quebra-cabeça**. A alfabetização depois de Lacan. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2006.

BORGES, S. **Psicanálise, linguística e linguística**. São Paulo: Escuta, 2010.

BURGARELLI, C. Sujeito e escrita. In: LEITE, N. (Org.). **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p.141-174.

CAMARGO, Ana. A desconstrução da alfabetização como processo de representação. Resenha. **Estilos da Clínica**, v. XIII, nº 24, p. 224-231, 2008.

CARVALHO, G. **Erro de pessoa**: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1995.

CARVALHO, G. M. M.; VILAR DE MELO, M. F. A noção de corpo em Saussure e em Freud: um encontro paradoxal. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 45, p. 218-232, 2018.

CARVALHO, G. M. de; MELO, M. de F. V. de. Notas sobre a recusa saussuriana à noção de língua como representação. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 22, n. 2, p.1-14. maio/ago. 2020.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1987a.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1987b.

FREUD, S. **O inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1987c.

FREUD, S. Lapsos de Leitura e Lapsos de Escrita. In: FREUD, S. **A psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1987d, p.123-125.

FREUD, S. Parapraxias. In: FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre a psicanálise (partes I e II)**. Rio de Janeiro, Imago, 1987e, p.39-45.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 5: as formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. **O seminário, livro 12: Problemas cruciais para a psicanálise**. Seminário 1964-1965. Recife: Centro de Estudos Freudiano do Recife, 2006.

LAJONQUIÈRE, L. **De Piaget a Freud: a (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber**. Petrópolis: Vozes, 1992.

LEMOS, C. de. Das Vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos linguísticos**, Campinas, v. 42, p. 41-69, jan./jun. 2002.

LEMOS, T. de. **A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem**. 1994. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.

LIER-DEVITTO, M. F.; ANDRADE, L. A Abordagem do erro na fala e na escrita: Aquisição, alfabetização e clínica. **Anais do SILEL**. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

PIRES, V. **Pontos de conflito na relação criança-escrita e seus efeitos heterogêneos: rasuras, reformulações, recomposições textuais**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

POMMIER, G. Problemas Clínicos da Escrita. *In: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (orgs). Faces da escrita: linguagem clínica escola*. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011a, p.53-74.

POMMIER, G. A história da escrita e a aprendizagem de cada criança. *In: LIER-DEVITTO, Maria Francisca; ARANTES Lúcia (org.). Faces da escrita: linguagem clínica escola*. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011b, p.17-31.

MILNER, C. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SEI, C; MOSCHEN, S. Da escrita no corpo à escrita no papel: os caminhos do aprender a escrever. **Estilos da clínica**. [online]. v.19, n.2. Não paginado, 2014.

SOARES, M. **Incidência do sujeito do inconsciente em produções escritas de crianças**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2014.

A Revista Interdisciplinar Sulear declara que os(as) autores(as) são responsáveis pela revisão textual, tanto da Língua Portuguesa, das línguas estrangeiras e das normas e padronizações vigentes.

Recebido em: 6/9/2023

Aprovado em: 10/9/2025